



A exploração para conceber uma problemática de investigação

The exploration to conceive a research problem.

[10.29073/j2.v7i1.1116](#)

Recebido: 01 de março de 2026.

Aprovado: 30 de março de 2026.

Publicado: 04 de abril de 2026.

Autor/a: Mariline Mesquita, Universidade Lusófona, Portugal, mesquitamariline@gmail.com.

Resumo

A exploração para conceber uma problemática de investigação é crucial para transformar uma pergunta de partida - que deve ser clara, realista e concisa - num tema estruturado e focado num objetivo. A transição dá-se quando a curiosidade genérica passa para um projeto científico viável. Esta fase, aumenta a familiaridade com o tema. Parte para uma construção teórica e conceptual, através da qual, o fenómeno será interrogado. Assim, com o intuito de formar uma problemática de investigação podemos socorrer-nos de operações de leitura, entrevistas exploratórias e métodos de exploração complementares. Esta reflexão apresentará o que cada momento comporta com descrição dos critérios mais utilizados e vai oferecendo sugestões sustentadas para uma prática de investigação mais eficaz.

Palavras-Chave: Entrevistas; Exploração; Investigação; Leituras; Métodos.

Abstract

The exploration phase of formulating a research problem is crucial for transforming a starting question—which must be clear, realistic, and concise—into a structured and goal-oriented topic. This transition occurs when general curiosity evolves into a viable scientific project. This phase increases familiarity with the topic, leading to a theoretical and conceptual construction through which the phenomenon will be interrogated. Thus, to formulate a research problem, we can use reading techniques, exploratory interviews, and complementary research methods. This reflection will present what each stage entails, describing the most commonly used criteria and offering supported suggestions for more effective research practice.

Keywords: Exploration; Interviews; Investigation; Methods; Readings.

1. Introdução

Na sua obra clássica, Umberto Eco (1977) ¹ propõe que a problemática seja construída com base na viabilidade e delimitação do objeto. A sua ideia central defende que quanto mais se restringe o campo, melhor se trabalha e mais segura é a investigação. No fundo pretende-se demonstrar que é melhor trabalhar num tema específico e restrito, do que num tema demasiado abrangente. Desta forma, evita-se erros e o domínio do investigador é maior num determinado assunto. Partindo do princípio de que a pergunta de partida já se encontra formulada, é importante refletir sobre o que o filósofo Arquimedes de Siracusa² declarou: “Dai-me um ponto de apoio e levantarei o mundo.” Esta frase destaca a força humana em superar limites quando já temos um pequeno ponto de apoio. O ponto de apoio refere-se à necessidade de um suporte firme que pode não ser o definitivo, mas já é uma base de partida.

Para explorar o terreno, com o objetivo de formar uma problemática de investigação, podemos socorrer-nos de operações de leitura (componente teórica); entrevistas exploratórias (componente empírica) e métodos de

¹Eco U. (1977). Como se Faz uma Tese em Ciências Humanas. Trad. Ana Falcão Bastos e Luís Leitão, prefácio de Hamilton Costa. Lisboa: Editorial Presença, p.39.

²Arquimedes nasceu na colónia grega de Siracusa, na Sicília, Itália por volta do ano 287 AC e morreu em 212 AC. Foi matemático, filósofo, físico, engenheiro, inventor e astrónomo da antiguidade clássica.



exploração complementares. As operações de leitura vão ajudar a preparar-nos para uma compreensão ativa e aprofundada sobre o assunto. Já as entrevistas exploratórias, que servem para abrir o campo de estudo antes da recolha de dados definitiva, não procuram testar hipóteses, mas sim, descobri-las. Diferente de uma entrevista estruturada, a exploratória é geralmente semi-estruturada ou livre, permitindo que o entrevistado traga temas imprevistos que podem ser cruciais para a investigação. Por fim, os métodos de exploração complementares podem ser variados. Podemos incluir a análise documental que envolve suportes tais como relatórios, registos, mensagens eletrónicas e diários. Outro método, pode ser através da observação direta envolvendo a presença do investigador no local onde o fenómeno ocorre e por fim, o método de grupos de foco. Aqui é organizada uma reunião de um grupo focado num tema específico e à medida que esta reunião decorre, explora-se a interação entre os participantes avaliando se as opiniões divergem ou convergem.

2. Critérios Essenciais para Organizar as Leituras (Componente Teórica)

Ao organizar as leituras, o investigador deve ser coerente com a pergunta de partida, possibilitando seguir sempre o fio condutor da própria investigação. Aliás, conforme sublinha Sousa, D. P. de (2024)³ o tema deve ser escolhido depois de já se ter feito algumas leituras e de já se ter consultado doutrina para levar o tema mais longe, especialmente na área do Direito e das Ciências Sociais. Para se poder produzir conhecimento, a escolha do tema não deve ser apenas uma mera curiosidade, mas deve existir amadurecimento através de leituras preliminares. No entanto, para evitar sobrecarga de leituras, o investigador deve escolher textos de dimensão razoável, evitando ler milhares de páginas⁴ que depois não servirão o propósito do tema escolhido.

Os textos de interpretação e análise devem ser prioritários em relação aos descritivos. Estes últimos não permitem contextualizar, nem compreender criticamente e sumariamente, o conhecimento já existente. Textos descritivos, por norma, trazem fatos e detalhes tais como a localização do objeto de descrição, características e componentes ou partes do objeto ou facto descrito⁵. Já os textos de interpretação e análise focam-se no “porquê” e “como”, existindo constante avaliação e conexão das ideias pré-concebidas com o entendimento atual do leitor.

É fundamental incluir abordagens metodológicas diversificadas do fenómeno estudado. Se for apenas uma abordagem, não existe esforço para conseguir analisar o problema sob os diferentes ângulos. A ideia é que exista uma compreensão profunda, rigorosa e fidedigna do objeto de estudo.

A reflexão e a troca de pontos de vista, segundo Quivy R. & Campenhoudt L.V. (2013)⁶, deve ser feita com colegas e pessoas experientes na área, mas acrescento também a família. Por vezes, em ambientes de descontração é quando surgem as melhores ideias. As respostas às questões levantadas durante um processo de investigação, nascem frequentemente durante o ócio. Quando o cérebro está em momentos de pausa, os neurónios fazem conexões inesperadas. Daí Quivy R. & Campenhoudt L.V. (2013) afirmar que “um espírito atulhado nunca é criativo”⁷.

2.1. Critérios Essenciais para Encontrar os Textos e Extrair Utilidade

Encontrar textos relevantes e retirar o valor ou o benefício pretendido, depende saber de antemão aquilo que efetivamente se procura. Assim, os critérios essenciais para encontrar textos e extrair utilidade passam por solicitar conselhos a especialistas que conheçam bem o campo de pesquisa. Mas antes desta abordagem, deve ser feita uma preparação prévia do próprio pedido de informação.

³Sousa, D. P. de. (2024). Metodologia de investigação científica em Direito. De Legibus – Revista de Direito da Universidade Lusófona Lisboa, (7), 3–29. Disponível em <https://doi.org/10.60543/dlb.vi7.9332>

⁴Quivy, R. & Campenhoudt L.V. (2013) Manual de investigação em ciências sociais, 5.ª ed. Lisboa: Gradiva, p.52

⁵Travaglia, L. C. (2009). A caracterização de categorias de texto: tipos, gêneros e espécies. *ALFA: Revista De Linguística*, 51(1). Recuperado de <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1426>

⁶Quivy, R. & Campenhoudt L.V. (2013) Manual de investigação em ciências sociais, 5.ª ed. Lisboa: Gradiva, p.53

⁷Quivy, R. & Campenhoudt L.V. (2013) Manual de investigação em ciências sociais, 5.ª ed. Lisboa: Gradiva, p.53



É importante reter que não são estes especialistas que vão fazer o trabalho pelo investigador. Subsequentemente, existirá uma comparação entre informações, culminando na escolha do caminho a percorrer no processo de estudo.

A leitura das grandes obras no campo de estudo a desenvolver devem servir sempre de base para alicerçar a investigação. No entanto, também é fundamental ler artigos de revistas na área científica a desenvolver. Nestes artigos, será encontrada, por um lado, inovação e por outro, um olhar crítico sobre os acontecimentos anteriormente adquiridos.

As citações também encaminharão o investigador para outros textos com bibliográficas ricas em obras mais recentes, libertando, desde logo, horas de pesquisa. No final, o objetivo é retirar destas leituras o “sumo” para o trabalho a desenvolver.

Vários métodos são sugeridos, mas um prático e de fácil execução é abrir um documento e desenhar uma linha vertical, tipo uma grelha de leitura simplificada. Do lado esquerdo, mais curto, deve ser escrita a citação, em modelo APA, para uso futuro. Do lado direito, redige-se o resumo, indicando o número da linha ou do parágrafo a citar. Se o livro for composto por vários capítulos, deve-se escrever nessa grelha de leituras pequenos resumos referentes a cada capítulo, facilitando assim, a posterior consulta.

A grelha de leitura sugerida deve ser guardada num ficheiro em vários suportes físicos fiáveis tais como discos externos ou unidades USB, mantendo cópias, no mínimo em duas localizações geográficas diferentes e também deve ser armazenada em nuvem, para garantir a sua preservação, organização e futura consulta.

No processo de investigação, por vezes, encontramos rumos inesperados que serão interessantes de abordar, não naquele determinado momento, mas numa fase posterior. Cultivar uma prática coesa de gestão documental motiva a, quando surgir oportunidade, escrever sobre determinado tema que se esbarrou com o investigador durante o processo de investigação.

3. Entrevistas Exploratórias (Componente Empírica)

Até aqui verificamos que as leituras ajudam a fazer o balanço dos conhecimentos relativos ao problema de partida, agora será abordada a utilidade das entrevistas. Estas vão contribuir para descobrir os aspetos a ter em conta que podem alargar, suprimir ou retificar o campo da investigação das leituras. Podemos comparar as leituras ao “mapa” da investigação e as entrevistas ao “terreno”. Neste “terreno” existirá o confronto entre a teoria e a realidade viva que o próprio investigador testemunhará.

Assim, surge a questão: A quem devem ser feitas este tipo de entrevistas? Como as entrevistas exploratórias têm como ponto central a compreensão aprofundada do problema a investigar, Quivy & Campenhoudt, (2013)⁸sugere que sejam feitas, em primeiro lugar, a docentes, investigadores e a peritos no domínio da investigação. Especialistas na matéria a abordar oferecem uma compreensão refinada de questões complexas. Aliada à experiência, garante ao investigador uma pesquisa fundamentada nas descobertas mais recentes sobre determinada matéria⁹. Nesta fase, além de assegurar a originalidade e rigor, aumenta a credibilidade de todo o trabalho científico.

Em segundo lugar, este tipo de entrevista deve ser feita a testemunhas. Devido à sua responsabilidade em algumas organizações, ou pela sua posição, as testemunhas têm um bom conhecimento do problema. Por exemplo, se estivermos a fazer uma investigação de fraudes internacionais de criptomoedas, seria interessante entrevistar um membro de cada organização internacional, como da Interpol, Europol, ONU e FMI.

⁸Quivy, R. & Campenhoudt L.V. (2013) Manual de investigação em ciências sociais, 5.ª ed. Lisboa: Gradiva, p.53

⁹Silverlight Research (2024) [Consultation with Experts In Research: Enhancing Quality and Impact](https://www.silverlightresearch.com/blog/consultation-with-experts-in-research), [Cons. 22-03-2026]. Disponível em <https://www.silverlightresearch.com/blog/consultation-with-experts-in-research>



Esta entrevista elucidaria o investigador dos esforços gerados para garantir que exista dismantelamento e controle de fraudes transnacionais, no contexto das criptomoedas. Além disso, também daria para limitar o campo de pesquisa, não abrangendo tudo o que se encontra já desenvolvido sobre este assunto.

E, em terceiro lugar, pode ser feita a entrevista ao público potencial de estudo, na perspectiva do cliente final. Assim, será perceptível identificar as motivações e os comportamentos em relação a um determinado campo de investigação.

Identificadas as pessoas que devem ser entrevistadas nesta fase da investigação, convém perceber o conteúdo das entrevistas exploratórias.

Podemos comparar este tipo de entrevistas a um mergulho livre. O entrevistador fornece o balão de oxigênio, o tema, mas é o entrevistado que escolhe a profundidade e a direção do nado. É uma forma de poder explorar mais amplamente a questão, dentro de uma conversação informal. O entrevistador deve interferir apenas em casos de extrema necessidade, devendo assumir um papel predominantemente de ouvinte.¹⁰ (Boni, V., & Quaresma, S. J., 2005) A curiosidade ingênua também é uma boa técnica para o entrevistado se sentir compelido a ser mais detalhado.

No fundo são conversas flexíveis e pouco estruturadas, utilizadas no início de pesquisas para familiarizar o investigador com um tema pouco conhecido, levantar informações iniciais, formular hipóteses e identificar padrões. O objetivo não passa por seguir um guião rígido, mas sim que as perguntas evoluam com base nas respostas. A livre expressão do entrevistado é muito importante e para motivar isso, o entrevistador pode dar os chamados “empurrões”. Estes podem ser transmitidos por pequenas frases inacabadas, como por exemplo: “Se bem percebo, quer dizer que...” ou “Ainda não falamos de...pode especificar?”

As entrevistas exploratórias devem ter o menor número possível de perguntas. Para tal, devem ser feitas perguntas bem formuladas que abranjam vários aspetos. Também é bom formular as intervenções de forma mais aberta possível. Por exemplo, em vez de perguntar: “Está satisfeito com o projeto?”, o entrevistador deveria antes dizer: “Como descreveria a sua experiência com este projeto até agora?”.

Para manter a neutralidade absoluta e evitar contaminar o conteúdo com a própria perspectiva do entrevistador, é vital abster-se de se implicar no conteúdo da entrevista. A técnica ideal é a utilização de intervenções reflexivas e facilitadoras, como por exemplo, repetir a palavra-chave do entrevistado. Também, na mesma linha de raciocínio, pode ser repetida a última palavra, usar sons ou usar palavras de escuta ativa tais como “compreendo” e “continue”.

Em relação ao ambiente onde a entrevista deve ser realizada, a sugestão é que seja num espaço de fundo branco ou tons claros. A decoração idealmente deve ser minimalista e não deve conter objetos ou símbolos que revelem opiniões, mantendo o foco na neutralidade. A disposição das cadeiras também é importante. Elas não devem estar frente a frente, mas em posições que facilitem o contacto visual, sem esforço.

Por exemplo, no caso do exemplo já anteriormente dado, sobre o projeto de investigação em que o estudo incidiria sobre as fraudes de criptomoedas. Se as entrevistas exploratórias fossem realizadas no interior de um hotel de luxo com decorações que remetesse para a ideia de riqueza rápida, o entrevistado poderia responder segundo uma ideia de que a fraude é “parte do jogo” do mercado e leva-o a minimizar a gravidade dos atos criminosos.

¹⁰Boni, V., & Quaresma, S. J. (2005). Aprendendo a entrevistar: Como fazer entrevistas em ciências sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, 2(1), 3.



Por último, as entrevistas devem ser gravadas, com consentimento informado dos sujeitos, assegurando a ética, a transparência e a qualidade dos dados recolhidos. Posteriormente, será proveitoso ouvir várias vezes as gravações para anotar ideias, evidenciando tendências e até contradições.

4. A Exploração das Entrevistas Exploratórias

O processo de recolha de dados qualitativos para compreender o assunto da investigação, baseia-se fundamentalmente em duas fontes de informação principais. A primeira trata-se do conteúdo da entrevista. Nesta o objetivo é responder à questão: “o quê”. Deve abrir pistas de reflexão, alargar e precisar os horizontes da leitura, tomar consciência das dimensões e dos aspetos de um determinado problema, nos quais o investigador não teria pensado espontaneamente, caso não tivesse realizado a entrevista exploratória. Normalmente é chamado de material bruto, pois não está devidamente tratado, mas identifica temas, padrões e significados, fruto da experiência dos entrevistados (Creswell, J. W. (2013).

A segunda fonte baseia-se no processo em si. O objetivo é responder à questão “como”, pretendendo-se levar o entrevistado a exprimir a sua vivência ou a perceção que tem do problema. Aqui inclui-se os registos feitos pelo investigador durante e imediatamente após a entrevista.

Estes registos devem conter notas sobre o conteúdo não verbal, expressões emocionais, reflexões, que enriquecem a entrevista verbal. As combinações destas duas fontes permitem ao investigador assegurar uma compreensão mais profunda e rica do entrevistado, pois vai muito além do que aquilo que foi explicitamente mencionado.

5. Conclusão

Delimitar é essencial. No início de qualquer investigação, a tendência é querer mencionar tudo, ler todas as obras sobre determinado tema e compreender questões que pela sua abrangência acabam por não acrescentarem nada à investigação. Por este motivo é que quanto mais específico for o objeto de estudo, maior será a qualidade e a segurança da investigação.

A transição da pergunta de partida para a pergunta definitiva é, na verdade, o sinal claro que a etapa exploratória cumpriu o seu papel, transformando uma mera curiosidade num alicerce para a investigação. Ao longo da reflexão, verificamos que a exploração não é um passo acessório da investigação, mas sim um passo fundamental para garantir a viabilidade do próprio estudo.

Este momento deve ser cuidadosamente estruturado e escrupulosamente cumprido para dar uma base sólida a todos os passos seguintes.

Portanto, no final desta etapa, o investigador pode ser levado a reformular a sua pergunta de partida, de forma a ter em conta o que foi extraído do trabalho exploratório.

Esta reformulação não deve ser vista como uma oportunidade de melhorar uma ideia que já nasceu boa, mas que se pode e deve tornar melhor.

Referências

Boni, V., & Quaresma, S. J. (2005). Aprendendo a entrevistar: Como fazer entrevistas em ciências sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, 2(1), 3.

Creswell, J. W. (2013). *Qualitative inquiry & research design: Choosing among five approaches* (3.ª ed.). Sage.

Eco, U. (1977). *Como se faz uma tese em ciências humanas* (A. Falcão Bastos & L. Leitão, Trans.; prefácio de H. Costa). Editorial Presença.

Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (2013). *Manual de investigação em ciências sociais* (5.ª ed.). Gradiva.



Silverlight Research. (2024). *Consultation with experts in research: Enhancing quality and impact*. Consultado em 22 de março de 2026, de <https://www.silverlightresearch.com/blog/consultation-with-experts-in-research>

Sousa, D. P. de. (2024). Metodologia de investigação científica em Direito. *De Legibus – Revista de Direito da Universidade Lusófona Lisboa*, (7), 3–29. <https://doi.org/10.60543/dlb.vi7.9332>

Travaglia, L. C. (2009). A caracterização de categorias de texto: Tipos, gêneros e espécies. *ALFA: Revista de Linguística*, 51(1). <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1426>

Declaração Ética

Conflito de Interesse: Nada a declarar. **Financiamento:** Nada a declarar. **Revisão por Pares:** Dupla-cega.



Todo o conteúdo do *J² – Jornal Jurídico* é licenciado sob [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.